



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais
(UFICS)

O IDOSO E A MENDICIDADE: SUA INTEGRAÇÃO SOCIAL

O caso da Cidade da Beira 1995-2000

AUTOR: *Joaquim Muchanessa Dausse Nhampoca*
SUPERVISOR: *Prof. Doutor Wilson Gomes de Almeida*
CO-SUPERVISOR: *Dr. Isáú Meneses*

Maputo, Maio de 2003

RESUMO

Este trabalho é um estudo de caso realizado na cidade da Beira, província de Sofala, subordinado ao tema *O Idoso e a Mendicidade: sua integração social*. O mesmo procura analisar o fenómeno entre 1995-2000. A realização deste trabalho tomou como base de partida a seguinte questão: a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade tem a ver com a sua exclusão na família ou é uma estratégia de sobrevivência do idoso e da família a que pertence? Para responder a esta questão levantamos duas hipóteses de trabalho. A hipótese a) quanto maior for o enfraquecimento do papel do idoso na família e no meio urbano em que este vive menor é a probabilidade deste encontrar uma efectiva integração social na família e; b) quanto menor for a estabilidade sócio-económica da família maior é a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade. O trabalho obedeceu a uma abordagem sociológica com duas vertentes. Uma teórica e outra empírica. Na vertente teórica baseamos nas teorias de interacção, nomeadamente a etnometodologia na perspectiva de Harold Garfinkel e o interaccionismo simbólico na perspectiva de Erving Goffman. Em relação ao trabalho de campo realizamos entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida. Tendo como amostra 45 pessoas, das quais 40 idosos e 5 funcionários. Os resultados, revelaram que o fenómeno da mendicidade dos idosos está relacionado com um conjunto de factores culturais, sociais, económicos e políticos. Destes factores constatamos que, no caso concreto da cidade da Beira, os factores sociais, económicos e culturais como a acusação de feitiçaria, abandono pelos filhos e o baixo rendimento familiar manifestado pela fraca estabilidade sócio-económica são os mais salientes na prática da mendicidade da pessoa idosa. O estudo concluiu que a integração social do idoso passa pela reconquista do seu papel na família e na comunidade; a criação de uma política social do idoso, que sirva de um instrumento para responder situações relacionadas com o idoso. Esta política deve tomar em consideração a actual realidade sócio-económica do país. Como por exemplo, a deterioração das relações sociais que resultam na exclusão social do idoso, e o baixo rendimento familiar.

ÍNDICE

Declaração
Dedicatória
Agradecimentos
Lista de Abreviaturas
Lista de Anexos
Resumo

Título	Página
INTODUÇÃO	1
1. Problematização	2-4
1.1 Objectivos	
1.1.1 Objectivo geral	4
1.1.2 Objectivos específicos	4
1.2 Ordem de exposição	5
CAPÍTULO I	
2. BREVE APRESENTAÇÃO DA CIDADE DA BEIRA	
2.1 Localização geográfica	6
2.2 Clima	6-7
2.3 População	7
2.4 Retrospectiva histórica da cidade	7-8
2.5 Perfil económico e social	8-10
CAPÍTULO II	
3. CONTEXTUALIZAÇÃO	11-15
4. CONCEPTUALIZAÇÃO	15-17
5. REVISÃO DA LITERATURA	18-21
6. METODOLOGIA	22
6.1 Hipóteses de Trabalho	22-23
6.2 Modelo de Análise	23
CAPÍTULO III	
7. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	
7.1 O Idoso e as instituições sociais	24-25

7.2 Programas do INAS	25-27
7.3 Dificuldades enfrentadas	27-28
7.4 Acções desenvolvidas pela DPMCAS	28-29
7.5 Formas de exclusão social dos idosos	29-30
7.6 Centro de Apoio a Velhice de Nhangau	30-33
7.7 O idoso na rua	33-39
7.8 Locais de concentração de mendigos	39-40

CAPÍTULO IV

8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

8.1 O processo de integração social	41-43
8.2 O uso da linguagem verbal e de gestos	43-44
8.3 Constatações	44-45
8.4 Comparação de resultados	46-48

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

1. Conclusão	49
2. Recomendações	50

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes	51
Bibliografia	51-55

ANEXOS

Guião de entrevista

INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia. O estudo é subordinado ao tema *O Idoso e a Mendicidade: sua integração social* e o seu objecto de análise é a pessoa idosa relegada a prática da mendicidade. No que concerne ao horizonte temporal, o estudo abrange o período 1995-2000. Isto é, o período após as primeiras eleições multipartidárias até a criação do Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social (MMCAS), que substituiu o Ministério da Coordenação da Acção Social.

Durante a pesquisa permanecemos cerca de 30 dias na Beira, onde realizamos entrevistas e recolha de dados, junto dos idosos em espaços públicos, em instituições sociais e bibliotecas locais.

A revisão da literatura efectuada foi extensiva a imprensa, procurando explorar as matérias publicadas sobre o idoso.

O estudo comporta uma abordagem sociológica constituída por duas vertentes:

- a) Uma vertente teórica que compreende a problematização, contextualização, conceptualização, o quadro metodológico e a revisão da literatura;
- b) A vertente empírica que corresponde ao trabalho de campo, análise da informação e de dados sistematizados, as conclusões e recomendações.

A análise do fenómeno em estudo é feita com base nas teorias de interacção, nomeadamente a etnometodologia na perspectiva de Garfinkel, e o interaccionismo simbólico na perspectiva de Goffman.

1. Problematização

A prática da mendicidade constitui um fenómeno preocupante nas cidades moçambicanas como mostra o estudo feito por Meneses e Lourenço (2000), o qual fazemos menção ao longo do trabalho.

Tratando-se de um fenómeno preocupante que afecta a população e as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e grupos na sociedade, há toda uma necessidade em estudá-lo.

Como ponto de partida, são apresentados, a seguir, alguns dados estatísticos relacionados com a população moçambicana, com interesse directo para o desenvolvimento do presente trabalho.

De acordo com o II Recenseamento Geral da População e Habitação (1997) a população de Moçambique é de 16.099.246, sendo 7.714.306 homens e 8.384.940 mulheres. A população do país é predominantemente jovem, sendo 44,7% com idades superiores a 15 anos. Por sua vez, a população de idosos superiores a 65 anos é apenas de 2,9%. A idade mediana é de 17,5 anos, o que significa que metade da população tem idade inferior a esta cifra. A população urbana é de 4.601.132 contra 11.458.114 rural (INE, 1999:5).

Considerando que o estudo incide sobre o fenómeno da mendicidade do idoso, tendo em conta que a população de idosos superiores a 65 anos é de apenas 2,9% e que não obstante o facto de o nível de esperança de vida dos moçambicanos se situar em 44 anos, a Lei de Trabalho estabelece como idade aceitável para a reforma a de 55 para as mulheres e 60 para os homens, há uma questão que indubitavelmente se nos coloca como incontornável: qual é a razão que torna oportuno e importante estudar um fenómeno que é praticado basicamente por parte de uma minoria de 2,9%?

Como mostram as estatísticas acima, 2,9% do total da população moçambicana é idosa, com idade superior a 65 anos. Apesar desta percentagem parecer insignificante, ela não pode ser menosprezada devido ao seguinte:

- a) O fenómeno da mendicidade do idoso é mais observável e expressivo no meio urbano cuja a população é de 4.601.132;
- b) Tendo em conta que os idosos são uma fonte de transmissão das normas e valores culturais de uma sociedade, o seu envolvimento em práticas da mendicidade contraria as expectativas dessa mesma sociedade quanto às condutas, normas e papéis sociais que se esperam do idoso;
- c) Não é a percentagem em si que importa mas sim a ocorrência do fenómeno, suas implicações e o seu impacto social na sociedade.

O fenómeno da mendicidade em Moçambique se torna uma questão especialmente preocupante quando começa a recrudescer nas cidades. Assim, dada a persistência do fenómeno, quisemos saber se a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade tem a ver com a sua exclusão na família ou é uma estratégia de sobrevivência do idoso e da família a que pertence?

O estudo analisa o fenómeno da mendicidade tendo como objecto de análise o idoso. Na análise do fenómeno destacamos a questão da integração social assim como a representação social que o próprio idoso tem do fenómeno.

Como forma de melhor compreendermos o fenómeno em estudo, evidenciamos algumas causas possíveis que levam o idoso a enveredar pela mendicidade no meio urbano.

A escolha do tema *O Idoso e a Mendicidade: sua integração social- o caso da cidade da Beira 1995-2000*, tem como fundamento básico o interesse de fazer um estudo sociológico deste fenómeno social, que, na actualidade, constitui uma preocupação que afecta as nossas cidades. Por outro lado, gostaríamos que este estudo fosse um contributo para a área das

Ciências Sociais, em geral e para a Sociologia Urbana em particular, tendo em vista o melhoramento das políticas sociais inerentes ao idoso em Moçambique.

A referência à Sociologia Urbana decorre por duas circunstâncias a saber: por um lado, devido ao facto deste trabalho ter como suporte teórico as teorias de interacção designadamente a etnometodologia e o interaccionismo simbólico que nascem no contexto da Sociologia Urbana da Escola de Chicago; por outro lado, devido ao facto de o fenómeno da mendicidade ser um problema social com maior expressão nas cidades.

A realização do estudo na cidade da Beira deve-se aos factores que se seguem:

- a) A cidade da Beira localiza-se na província com o maior índice de pobreza absoluta de Moçambique, com uma incidência de 87,9 por cento¹.
- b) Facilidades de interacção com as pessoas e comunicação através das línguas locais, uma vez que o autor do trabalho é oriundo desta cidade.

1.1 Objectivos

1.1.1 Objectivo geral

Constitui objectivo geral do presente trabalho estudar o fenómeno da mendicidade por parte do idoso, procurando dar uma explicação sociológica da sua ocorrência, possíveis causas e implicações sociais.

1.1.2 Objectivos específicos

- a) Compreender a situação do idoso na família e as motivações que o tornam vulnerável perante a mendicidade;
- b) Sistematizar as políticas e acções das instituições do Estado e das organizações da sociedade civil ligadas ao apoio ao idoso.

1.2 Ordem de exposição

No primeiro capítulo, é feita uma breve apresentação da cidade da Beira. Aqui falaremos da sua história, população e a abordagem sócio-económica. Onde para além de referências históricas gerais, são sistematizados os dados sobre o perfil económico e social.

No segundo capítulo, é feita a contextualização do problema enquanto objecto de estudo, a revisão da literatura e a definição de alguns conceitos básicos que norteiam o trabalho. Do mesmo modo são apresentados os fundamentos teóricos e a metodologia sobre os quais o trabalho se desenvolve.

No terceiro capítulo, é feita uma apresentação do papel das instituições sociais do governo que trabalham com o idoso. Aqui são sistematizadas as mediadas e acções em prol do idoso.

No quarto capítulo, é feita a análise e discussão dos resultados obtidos na investigação, apresentação das constatações principais assim como é dada a resposta à questão de partida levantada na problematização e, por fim se discute a validade ou a refutação das hipóteses de trabalho.

E por último, apresentamos as principais conclusões e recomendações finais.

¹ Como indicam os resultados do IAF 96/97

CAPÍTULO I

2. BREVE APRESENTAÇÃO DA CIDADE DA BEIRA

2.1 Localização geográfica

A cidade portuária da Beira fica situada na entrada mais pronunciada da baía de Sofala, localizada na província do mesmo nome, no centro de Moçambique. A área administrativa, fixada em 1980 em 610 km² fica compreendida entre os paralelos 19° 30' e 19° 52' Sul, e os meridianos 34°30' e 35°10' Este, e uma altitude média de oito metros (Muchangos, 1989:240).

A área administrativa da cidade da Beira é delimitada a Este pelo Oceano Índico. O limite Norte acompanha, no sentido Este- Oeste, o rio Madzidze desde a costa até à sua nascente, desviando-se em linha recta na direcção Nordeste- Sudoeste até atingir a margem esquerda do rio Púngue, que daí até a Ponta-gêa, ou a baía de Mazanzane, representa o seu limite Ocidental (Muchangos, 1989:240).

A cidade da Beira, capital da província de Sofala, é a segunda maior cidade do país. Ela é também conhecida, ou vulgarmente chamada capital da zona Centro.

2.2 Clima

A cidade da Beira localiza-se no limite meridional da zona sub-equatorial e possui, segundo Koeppel (1996) um clima de tipo tropical chuvoso de inverno seco (Muchangos, 1989:244). A posição litoral exposta aos ventos marítimos húmidos e à influência da corrente marítima quente que atravessa de Norte a Sul o canal de Moçambique (Moçambique - Agulhas), confere-lhe características climáticas próprias.

O carácter sub-equatorial do clima é garantido pela existência de duas estações de seis meses de duração e nitidamente diferenciadas, e pela coincidência entre a estação das chuvas e o período quente e húmido (Muchangos, 1989:245).

As somas pluviométricas anuais atingem 1500mm, com o máximo de 277,9 mm em Janeiro e o mínimo de 19,1mm em Setembro. A proximidade da depressão equatorial e a posição do anticiclone a Sudeste de Madagáscar no verão, os ventos Sudestes dominantes em toda a região, transportam ar marítimo húmido que favorece a formação de chuvas de convexão, normalmente acompanhadas de trovoadas (Muchangos,1989:245).

2.3 População

Segundo o Recenseamento Geral da População e Habitação, realizado em 1997, o efectivo populacional da cidade da Beira era de 397.368 habitantes. Informações recolhidas junto ao Conselho Municipal da Beira, em Janeiro de 2002, indicam que a população da cidade da Beira elevou-se para cerca de 500 mil habitantes. Isto mostra um aumento substancial de habitantes comparativamente ao Censo de 1997.

Dos vinte e três bairros que compõem a cidade da Beira, o bairro da Munhava é o mais populoso com cerca de 31.842 habitantes. Em termos étnicos, a cidade é habitada maioritariamente por dois grupos, nomeadamente, sena e ndau. Porém, coabitam várias outras etnias nesta cidade.

2.4 Retrospectiva histórica da cidade

A cidade da Beira nasceu de pequenas barracas de madeira e zinco sem estética urbanística. Em 1895 só existiam 4 casas, além da Alfândega e alguns barracões para depósito de mercadorias (Artur *et al.*, 1989:23). Em 1907 tendo em consideração o notável desenvolvimento que tem adquirido a povoação da Beira, “atendendo à excepcional importância da sua posição e manifesto valor do movimento do seu porto e tráfego do

caminho-de-ferro” e para comemorar a visita que iria fazer o príncipe Real D. Luís Filipe, foi a mesma elevada, por decreto régio de 29 de Junho, à categoria de cidade com a denominação de cidade da Beira² (de Lemos, 1989:16).

Finalmente, por decisão da comissão administrativa da Câmara Municipal da Beira, na sua sessão de 27 de Maio de 1943, ao abrigo do disposto no Decreto nº17.171, de 29 de Julho de 1929, foi adoptado o dia 20 de Agosto, data da instalação da sede do comando militar Aruãnga, “no sítio do chiveve”, como seu feriado municipal (de Lemos, 1989:16). Este dia é vulgarmente chamado dia da cidade.³

2.5 Perfil económico e social

Os principais impulsionadores do desenvolvimento económico da cidade da Beira são o Porto e os Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM):

“O porto, com as suas instalações e os equipamentos bem como os serviços de apoio dele dependentes, constitui o verdadeiro embrião económico da cidade da Beira. Durante mais de cinco décadas ele determinou o ritmo de desenvolvimento da cidade” (Muchangos, 1989:280).

Alguns países da região Austral de África, sem acesso ao mar, como Malawi, Zimbabwe e Zâmbia, frequentemente usam para o escoamento dos seus produtos. Esta actividade é consubstanciada pelo chamado corredor da Beira.

No que diz respeito a cidade, propriamente dita, as zonas da Baixa e Maquinino, para além de serem zonas residenciais, constituem o grande centro comercial da cidade. Encontramos nestas zonas alguns prédios residenciais relativamente modernos.

²Decreto de 29 de Junho de 1907, B.O. nº31, de 3 de Agosto de 1907, p.341.

³Ver Edital da Câmara Municipal da Beira, emitido em 11 de Junho de 1943, transcrito no nº21.275 do jornal “Notícias”, de 18 de Agosto de 1989, última página (10)

A população da cidade da Beira dedica-se a agricultura e pesca. Nas zonas urbanas, embora a maior parte da população também se encontre empregada no sector da agricultura e pescas, os mais pobres estão em maior percentagem, cerca de 85 por cento dos mais pobres trabalham na agricultura e pescas e menos de 50 por cento dos menos pobres é que trabalham neste sector. Os sectores de comércio e serviços e serviços públicos absorvem cerca de 40% dos menos pobres. Os pequenos espaços existentes nas zonas urbana (zonas baixas por exemplo) é que são usados para a prática da agricultura (MPF, 2000:28).

Em Moçambique, segundo o PARPA, a pobreza é definida como a incapacidade dos indivíduos de assegurar para si e os seus dependentes um conjunto de condições mínimas para a sua subsistência e bem-estar, segundo as normas da sociedade.

Siqueira *et al.* (2001), afirma que nas sociedades actuais, a noção de pobre é associada à noção de exclusão social, e a pobreza faz parte de um amplo quadro de referências, onde as complexidades sociais mudam o perfil dos discursos ideológicos, e novas interpretações passam a reflectir a percepção social da pobreza e a acção das cidades face a esse fenómeno. Por sua vez, Giddens (2000), diz que os desempregados ou os que têm empregos precários ou a tempo parcial, os idosos, doentes e incapazes, e os membros de grandes famílias monoparentais, são os que têm maiores probabilidades de viver num estado de pobreza.

No caso da cidade da Beira, cerca de 90 por cento de indivíduos que têm a agricultura e pescas e o sector de construção como actividade principal são pobres. Para os que trabalham na indústria e minas, comércio e serviços e transportes e comunicações a incidência da pobreza é cerca de 70 por cento (MPF, 2000:29). Grande parte da população desta cidade se encontra na situação de pobreza absoluta. Isto pode ter como origem o facto da província de Sofala ser a mais pobre do país com uma incidência da pobreza de 87,9 por cento.

Na área da Educação, existia no ano 2000, na cidade da Beira, 68 escolas de ensino público geral e técnico. Estas escolas tinham um total de 66.426 alunos, sendo 63.070 do ensino geral e 3.356 do ensino técnico⁴.

No mesmo período, na área de Saúde houve 79 casos de maternidade e outros 177. No tocante a consultas pré-natais verificou-se um total de 16.012 correspondente a uma taxa global de 64,8%. Em relação a partos institucionais registou-se um total de 12.487 correspondente a uma taxa global de 45%⁵.

O atendimento sanitário era feito em 26 Unidades Sanitárias do Serviço Nacional de Saúde divididas em:

1 Hospital, 7 Centros de Saúde, 18 Postos de Saúde.⁶

No tocante a área de Acção Social, existem seis Centros que albergam diferentes grupos alvo. Nomeadamente o Centro de Trânsito de Macurungo (CTM), este Centro foi criado com o objectivo de atender utentes em trânsito, com impedimento dos membros, para beneficiação dos materiais de compensação no Hospital Central da Beira; o Centro de Apoio á Velhice de Nhangau (CAV), este Centro acomoda pessoas idosas; Centro Tinotenda da Cruz Vermelha de Moçambique (CVM); Centro Escola Desportiva da ADPP (E.D. ADPP); Centro da Associação Suíça a Favor da Criança (ASEM) e o Centro Jovens com uma Missão (JOCUM). Estes quatros últimos Centros são de atendimento a criança de rua.

Localiza-se nesta cidade, a única escola para o ensino de pessoas portadoras de deficiência visual - o Instituto Nacional de Deficientes Visuais (INDV).

⁴ Ministério da Educação: Direcção de Planificação.

⁵ INE. Anuário Estatístico 2000, Província de Sofala, p.25

⁶ INE. Anuário Estatístico 2000, Província de Sofala, p.26

CAPÍTULO II

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

O estudo decorre numa altura em que em Moçambique se verificam profundas mudanças nos aspectos sociais, económicos e políticos.

Em Janeiro de 1987, foi iniciada a implementação do Programa de Reabilitação Económica (PRE) adoptado pelo governo e inspirado e condicionado pelas políticas do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (Castel – Branco, 1994:117).

Dentre os objectivos do PRE constam, a liberalização da economia, privatização das empresas estatais e estabelecimentos industriais.

A introdução do PRE teve, na realidade, um efeito marcante no nível de vida de todos os moçambicanos, na medida em que não significou apenas um aumento acentuado da disponibilidade de alimentos e bens de consumo em muitas zonas do país (particularmente nas zonas urbanas), mas também subidas drásticas de preços que conduziram a uma queda significativa do poder de compra do cidadão médio (Roesch, 1992:15).

Com a nova realidade sócio-económica do país, foi incorporada no PRE, uma componente social passando a designar-se Programa de Reabilitação Económica e Social (PRES).

O PRES tem quatro objectivos importantes:

- a) Parar a diminuição da produção;
- b) Assegurar à população das zonas rurais receitas mínimas e um nível de consumo mínimo;
- c) Reinstalar o balanço macroeconómico através da diminuição do défice orçamental;
- d) Reforçar a balança de transacções correntes e a balança de pagamento.

Para que isto acontecesse, era necessário tomar uma série de medidas políticas a nível financeiro, monetário e comercial (Abrahamsson e Nilsson, 1994:44).

No campo social as cidades moçambicanas eram caracterizadas não só por uma forte invasão populacional resultante do êxodo rural como consequência das guerras nos finais da década de 80 e princípio da década de 90 mas, também, por fluxos migratórios resultantes do repatriamento de cidadãos então refugiados nos países vizinhos. Este repatriamento acontece como consequência do fim da guerra de desestabilização no país. No caso concreto da cidade da Beira, no recenseamento de 1980, o número de habitantes foi estimado em 214.613⁷. No censo de 97, este número aumentou para 397.368⁸ habitantes.

No campo político acabávamos de sair de um sistema monopartidário para o pluripartidário com a realização das eleições presidenciais e legislativas de 1994, ocorridas dois anos após a assinatura do Acordo Geral de Paz. Quatro anos mais tarde introduz-se o processo de autarcização de 33 cidades e vilas.

O presente trabalho tem como marco referencial o período 1995-2000 pelas razões a seguir expostas:

a) Com o fim da guerra em 1992 e a realização das primeiras eleições presidenciais e multipartidárias, em 1994, registou-se um fluxo migratório. Muitos moçambicanos refugiados nos países vizinhos e os deslocados dentro do território nacional regressam as suas zonas de origem. Este processo cria condições para o êxodo rural:

"Depois da independência a população urbana cresceu rapidamente: em 1980 13% da população total era urbana, considerando somente 12 cidades, sendo a média em África de 27%. Em 1990, o país contando com 23 cidades, a sua população foi estimada em 21%, e em África estimou-se 32% (Ibraimo cit. por GDM, 1995:12). Esta rápida urbanização, provocou a transferência do campo para a cidade, de hábitos da população rural, o que contribui para a rápida ruralização da cidade (GDM, 1995:12)".

⁷ Ver Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique sobre cidade da Beira, 1989, p.240

⁸ INE, II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997.

É possível prognosticar que terminada a guerra a migração rural/urbana se incrementará, a qual tornará mais crítico o problema ambiental das zonas urbanas assim tal como a insuficiência e falta de manutenção de infra-estruturas de abastecimento de água e de saneamento, sistema de recolha de lixo, poluição atmosférica entre outros (GDM, 1995:13). Problemas como estes são vividos nas nossas cidades, o que vem provar o aumento da população urbana.

b) No ano 2000 é criado o Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social em substituição do então Ministério da Coordenação da Acção Social. Dentre as várias áreas de acção, o Ministério também privilegia a área do idoso. Neste contexto há que avaliar o impacto das acções e medidas inerentes ao idoso no momento após a criação do Ministério.

Como fundamentação teórica podemos dizer que o tema em estudo - *o idoso e a mendicidade: sua integração social* - se enquadra no ramo da Sociologia Urbana. Se tivermos em conta que a mendicidade é uma das manifestações dos movimentos sociais marginais, podemos assumir que ela se enquadra no âmbito do estudo da delinquência.

O estudo procura apresentar, em volta das mudanças ocorridas no campo social, económica, cultural e político, as motivações que levam o idoso a mendigar.

Em relação a construção do modelo teórico, o estudo tem como base as teorias de interacção, particularmente o interaccionismo simbólico na perspectiva de Erving Goffman e a etnometodologia na perspectiva de Harold Garfinkel. O uso dessas teorias têm a ver com o facto de elas darem maior primazia aos indivíduos e a maneira como eles constroem o seu mundo social com base no quotidiano. Quer a etnometodologia quer o interaccionismo simbólico, se preocupam com a abordagem microssociológica, enfatizando o comportamento humano num contexto de interacção social.

O interaccionismo simbólico é uma abordagem teórica desenvolvida por Mead, que enfatiza fortemente o papel dos símbolos e da linguagem como elementos centrais de toda a

interacção (Giddens, 2000:704). Mead inicia o seu projecto com o conceito de *self* na base da crítica ao behaviorismo, estabelecendo a distinção entre as formas de comportamento dos infra-humanos (designação pela qual refere os animais irracionais e as crianças) e as formas dos comportamentos humanos (Ferreira *et al.*, 1995:296). É sobre esta perspectiva de Mead que se vai desenvolver o pensamento de Goffman contrariando alguns aspectos propostos por Mead. Portanto, Goffman vai optar por fazer uma análise dramática, tendo como base a interacção face a face ou a situação de co-presença física. Goffman transforma o conceito de *self* de Mead em *selves*, pois na sua analogia com uma representação teatral, o indivíduo pode assumir vários papéis. Como afirma Ferreira:

Na óptica de Goffman, a interacção social ainda que constituindo um processo comunicativo decorrente de um universo simbólico que os actores sociais partilham, não é entendida como uma simples actividade cooperativa que garante a adaptação do indivíduo à sociedade, mas fundamentalmente como uma representação, pela qual o *self* se transforma em *selves*. A perspectiva unitária da pessoa defendida por Mead, transforma-se no quadro conceptual de Goffman, em *persona-máscara* (Ferreira *et al.*, 1995:305).

A nossa análise sobre *o idoso e a mendicidade* terá como suporte a perspectiva dramática de Goffman com base em quatro pressupostos citados por Ferreira (1995,p.305),

- a) A sociedade organiza-se segundo o princípio de que todo o indivíduo que possui certas categorias sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de modo adequado. Este pressuposto ajuda-nos a compreender a necessidade de valorização do idoso e a reconquista do seu papel social na família e na comunidade em que vive;
- b) O indivíduo que implícita ou explicitamente pretende ter certas categorias sociais deverá comportar-se na realidade de acordo com aquilo que diz ser. Com base neste pressuposto podemos dizer que o comportamento assumido pelos idosos e a sua vulnerabilidade à mendicidade são em função das reais condições sócio-económicas e culturais a que estão sujeitos;

- c) O indivíduo tem sempre um conhecimento tácito das normas e das regras que regem uma determinada situação social. Este pressuposto permite-nos explicar como é que os idosos, em determinadas situações, reagem e constróem o seu próprio mundo;
- d) O indivíduo interage consigo e com os outros através de um processo comunicativo mediatizado pela sua capacidade interpretativa do universo simbólico que se insere. Este pressuposto permite-nos explicar o uso de gestos e de uma linguagem verbal apropriada pelos mendigos para pedir esmola, também nos ajuda a compreender a capacidade que eles têm de avaliar as pessoas antes de pedir esmola.

Por sua vez, a etnometodologia, é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas acções do dia a dia: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar (Coulon, 1995:30). Portanto, a etnometodologia analisa as crenças e os comportamentos de senso comum como constituintes necessários do "comportamento socialmente organizado" (Coulon, 1995:30). Para Coulon, a etnometodologia mostra que temos à nossa disposição a possibilidade de apreender de maneira adequada aquilo que fazemos para organizar a nossa existência.

Em relação a etnometodologia interessa-nos no contexto do presente trabalho a maneira como os indivíduos, no processo de interacção social constróem o seu mundo social. No caso concreto do *idoso e a mendicidade* pretendemos compreender a representação social que os idosos têm da mendicidade.

4. CONCEPTUALIZAÇÃO

Idoso

Segundo a definição das Nações Unidas, são considerados idosos as pessoas que tenham 60 ou mais anos de idade. Todavia, em África a reforma formal está entre os 55 a 60 anos. Aproximadamente 10% da população economicamente activa está empregue no sector formal. A definição do idoso nas comunidades africanas difere com aquelas dos países desenvolvidos. Portanto, a cor dos cabelos, a perda da capacidade de visão e doenças como

artrite são alguns dos indicadores para definir a pessoa idosa (HelpAge International, 2000:3)⁹

No caso de Moçambique, de acordo com a legislação de trabalho, concretamente a Lei nº8/98, de 20 de Julho, no seu artigo 185, a idade de reforma normal dos homens e das mulheres fixa-se em sessenta e cinquenta e cinco anos respectivamente. É com base na idade da reforma que iremos considerar os indivíduos como sendo idosos.

Integração Social

A integração social é definida como o estado ou processo de inserção de indivíduos ou grupos num mesmo conjunto (colectividade, sociedade), adquirindo, assim, um mínimo de coesão (Dicionário de Economia e Ciências Sociais, 2001:213).

Mendicidade

Meneses e Loureço (2000), fizeram um estudo sobre *a mendicidade em Moçambique* tendo definido o conceito da seguinte forma:

Do latim *mendicitate*, a mendicidade é, à partida o acto de mendigar, vulgo (pedir esmola), ou seja, o acto através do qual alguns indivíduos frequentemente adquirem, pedindo, a outros indivíduos dádivas, que podem ser pecuniários ou em espécie, para a sua subsistência ou em certos casos para sustento de vários.

Por outro lado, o estudo feito pelo Município de Maputo (2000), sobre a “Mendicidade no Município de Maputo”, afirma que de acordo com o conhecimento actual, este conceito refere-se ao acto de pedir esmola, de estender a mão à caridade em locais públicos, isto é, de recorrer à bondade e generosidade do público para obter gratuitamente o dinheiro ou bens materiais para satisfazer as suas necessidades ou dos membros da sua família. O mesmo estudo reafirma que a mendicidade também pode ser definida como sendo o comportamento de alguns indivíduos, dotados ou não de capacidade de trabalho, que

⁹ Traduzido do inglês

consiste na procura habitual de meio de subsistência ou de sobrevivência de um vício, através de recurso a peditórios de esmola a outras pessoas ou instituições.

Essas duas definições têm alguns aspectos em comum. Contudo, nós iremos tomar como base para o presente trabalho a primeira definição.

Mobilidade Social

O termo mobilidade social refere-se ao movimento de indivíduos e grupos entre diferentes posições sócio-económicas. Este movimento pode se traduzir em mobilidade vertical e mobilidade lateral. A mobilidade vertical significa o movimento ascendente ou descendente na escala sócio-económica. Aqueles que ficam a ganhar em matéria de propriedade, rendimentos ou posição social são os que se movem em sentido ascendente, enquanto que aqueles que se movem na direcção oposta fazem-no no sentido descendente. Nas sociedades modernas há também bastante mobilidade lateral, noção que se refere ao movimento geográfico entre bairros, cidades ou regiões. A mobilidade vertical e a mobilidade lateral estão muitas vezes associadas (Giddens, 2000:323).

Delinquência

A delinquência é considerada, por um lado, o efeito de uma exclusão social e, por outro, um processo de resposta a esta exclusão. Uma vez excluído, o delinquente cultivará a sua exclusão e a sua delinquência, porque é por meio desta que procura reconstituir-se como actor social (Quivy e Campenhoudt, 1998:116)

5. REVISÃO DA LITERATURA

A situação do idoso em Moçambique e a sua relação com a mendicidade é um assunto que merece uma especial atenção.

Para Terezinha da Silva (1998), estudos feitos em Moçambique mostram que apesar do sucesso no crescimento económico como resultado da paz e estabilidade no país, o impacto social do Programa de Reabilitação Económica (PRE) é sobretudo negativo, particularmente para grupos vulneráveis incluindo idosos. A autora aponta a guerra, o rápido crescimento económico, desastres naturais como tendo trazido graves mudanças e perda de prestígio para o idoso. Essas mudanças e perda de prestígio resultam na falta de respeito para com os velhos e abandono dos idosos pelos filhos devido a acusação de feitiçaria. O extracto abaixo pode ser um bom exemplo:

“...quando o meu filho morreu fui expulso de casa pela minha nora, acusada de prática de feitiçaria. Desde então tenho estado a viver sozinha na mata onde construí a minha palhota...vivo sozinha sem ninguém para conversar. Um assistente social veio cá me visitar e trouxe-me lenha. Os debates que se seguiram levaram-me a ter um encontro com a minha nora. Agora já estamos reunidos. Recebi o material de construção para vítimas das cheias e estou-me a sentir mais esperançada sobre o futuro” (HelpAge International, 2002:38).¹⁰

Da Silva, defende que os idosos deviam ser integrados nos esforços de preservação do ambiente e na luta contra o declínio da qualidade de vida. Os idosos são uma fonte de sabedoria e conhecimento. Portanto, os jovens deviam valorizá-los e aprender deles. Ainda, segundo Da Silva, os abusos que o idoso sofre são baseados na discriminação causada pelos Programas de Ajustamento Económico, falta de legislação e uma política governamental adequada e a erosão de uma segurança social informal e tradicional prestada pela sociedade. Portanto, a estas situações, recomenda a necessidade de uma vontade para a mudança da situação do idoso por parte do Governo, da família e de toda a sociedade.

¹⁰ Extracto traduzido do inglês, reportando o discurso de uma mulher idosa em Moçambique.

O estudo feito pelo Município de Maputo, sobre a mendicidade neste Município, aponta a mendicidade como tendo origem nos seguintes aspectos:

Índole sócio-cultural

- Inflação dos valores sociais e culturais
- Conflitos familiares
- Marginalização
- Feitiço
- Preguiça

Índole económico

- Efeitos colaterais do Programa de Reajustamento Económico
- Pobreza absoluta
- Desemprego
- Elevado custo de vida
- Ausência de um sistema de segurança social abrangente
- Baixas pensões de reforma
- Migração campo-cidade

Índole político

- Guerra de desestabilização

Fundi; Nivale e Nhatumba (1993), no trabalho sobre *Como Desenvolver Trabalho Social com Idosos na Comunidade*, identificaram os problemas de saúde, de vestuário, de alimentação, de habitação e falta de ocupação nos tempos livres, como sendo os problemas que mais afectam os idosos. Com isto, eles concluíram que, geralmente, os velhos apresentam os mesmos problemas em relação a restante população.

Quanto a nós, os idosos, como fazendo parte de um grupo social vulnerável, não apresentam na totalidade os mesmos problemas que o restante da população. Pois, só pela idade, a fragilidade do seu estado físico, acusação de feitiçaria de que são alvo por parte da família e da comunidade, a sua exclusão do mercado de trabalho (tendo em conta a nossa legislação), já mostra um conjunto de problemas e dificuldades específicas.

A desagregação dos velhos no seio dos familiares e da comunidade, como os autores identificaram, é para nós um factor que concorre para que o idoso encontre na mendicidade a solução de seus problemas.

Segundo a revista *Accion sobre o Envejecimento*, publicada pela HelpAge International, muitas pessoas idosas são abandonadas a sua própria sorte na medida em que membros mais jovens da família emigram para outros lugares em busca de trabalho. Por outro lado, a deterioração das condições económicas em muitos países impede as pessoas de desfrutarem de uma qualidade de vida razoável na terceira idade. Em países com alta incidência do HIV/SIDA, as pessoas idosas, especialmente as mulheres, são as principais cuidadoras dos seus netos órfãos – e não recebem nenhum apoio adicional¹¹.

Quando falamos do idoso somos confrontados com dois outros termos que se cruzam. São eles o termo velho e terceira idade. Dionísio (2001), procurou fazer uma distinção entre estes três termos.

A noção de velho é utilizada principalmente num tom depreciativo, quando se pretende referir o estado de saúde ou o sentimento de privação e de solidão, num registo prático, dos velhos ou em relação a si próprios (“quando somos velhos é assim... quem é que quer saber de nós”; “já tou velho, já passou o meu tempo”). Por sua vez, a noção de “idoso” é sobretudo enunciada num registo abstracto e formal, numa espécie de categoria de classificação administrativa.

A velhice é um fenómeno eminentemente social e multidimensional. Como tal, deve ser entendida a partir de cima e a partir de baixo, quer dizer, ao nível de um plano macro e de um plano micro (Dionísio, 2001:242).

A emergência da terceira idade promove uma representação social da velhice enquanto fase da vida não activa ou pós activa (Fernandes, cit. por Dionísio, 2001:242). No entender de Dionísio, trata-se, verdadeiramente, de uma velhice administrativa e artificial, definida por um critério arbitrário, que oculta no interior desse grupo de idade as heterogeneidades individuais e sociais inerentes ao próprio processo de envelhecimento biológico, psico-affectivo e social. Esta institucionalização de uma idade de velhice/reforma tem, pois,

¹¹ Traduzido do espanhol

implicações ao nível dos modos de ver e viver a velhice na medida em que é necessário entendê-la como uma fase da vida convencional, cujos regulamentos sociais neutralizam as repercussões biológicas (Rosa, cit. por Dionísio, 2001:243).

Quanto a nós, a noção de terceira idade, entendida como uma fase da vida não activa ou pós activa, produz, na sociedade, efeitos colaterais. O indivíduo passa a ser considerado como da terceira idade a partir do momento em que este fica reformado ou por outra, quando atinge os 55 ou 60 anos de idade sendo mulher ou homem respectivamente. Esta categorização traz consigo várias consequências na medida em que, a partir do momento em que o indivíduo é assim categorizado, a sociedade interioriza um conjunto de imagens estereotipadas sobre esse mesmo indivíduo. O indivíduo começa a ser identificado como, débil mental, um encargo para a família, alguém desprovido de capacidades físicas para desempenhar qualquer actividade, etc. Estes estereótipos acabam condicionando o isolamento do idoso assim como a sua indigência:

“...nesta fase, muitos idosos são abandonados pelos seus filhos e parentes acusados de feitiçaria, vivendo entregues à sua sorte e a serem vistos como inúteis- disse ela ¹²...uma das formas de combate ao isolamento e marginalização a que muitos velhos estão sujeitos é encorajar os próprios idosos a não se considerarem inválidos e mostrar a este grupo etário que com as energias ainda existentes são capazes de trabalhar e aprender ainda mais sobre novas coisas” (in Diário de Moçambique, 24.11.98).

Perante os estereótipos que a sociedade cria em torno da velhice, o idoso passa a ostentar um estigma. Muitas das vezes, o idoso se conforma com a sua situação de estigmatizado. Esse conformismo faz com que o estigmatizado faça o uso do seu estigma para tirar proveito:

“ A criatura estigmatizada usará, provavelmente, o seu estigma para ganhos secundários, como desculpa pelo fracasso a que chegou por outras razões” (Goffman, 1988:20).

¹² A ex Ministra da Coordenação da Acção Social- Açucena Duarte.

6. METODOLOGIA

Os principais procedimentos metodológicos desta pesquisa são:

(i) a revisão da literatura sobre pesquisas efectuadas no país em relação a pessoa idosa e a mendicidade;

(ii) histórias de vida acompanhadas de entrevistas narrativas (relato da vida);

Aqui entrevistamos idosos do Centro de Apoio a Velhice de Nhangau arredores da cidade da Beira, onde procuramos saber toda a sua trajectória até chegar ao centro. Entrevistamos também idosos que encontramos na rua, a mendigar, com a intenção de nos inteirar dos seus trajectos sociais e das motivações que os levam à mendicidade.

(iii) entrevistas semi-estruturadas.

Estas entrevistas foram especialmente dirigidas aos funcionários do INAS (Delegação de Sofala), Direcção Provincial da Mulher e Coordenação da Acção Social de Sofala e do Centro de Apoio a Velhice de Nhangau. O objectivo principal destas entrevistas é de compreender o papel e as actividades das instituições sociais que trabalham com ou em prol do idoso.

Para uma melhor recolha de dados, considerando as limitantes de meios e tempo optamos por uma amostra aleatória simples, tendo como universo 45 entrevistados. Destes entrevistados 40 são idosos e cinco são funcionários de instituições que trabalham com idosos na cidade da Beira.

6.1 Hipóteses de Trabalho

a) Quanto maior for o enfraquecimento do papel do idoso na família e no meio urbano em que este vive menor é a probabilidade deste encontrar uma efectiva integração social na família;

b) Quanto menor for a estabilidade sócio-económica da família maior é a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade.

6.2 Modelo de Análise

CONCEITO	DIMENSÃO	INDICADORES
Idoso	Física	pele enrugada idade debilidade física
	Psicológica	debilidade mental
Mendicidade	Social	isolamento acusação de feitiçaria ser chefe de família exclusão na família
	Económica	falta de uma pensão baixo rendimento familiar falta de fonte de rendimento
Integração	Cultural	domínio dos padrões culturais nível de instrução
	Normativa	conhecimento das normas sociais aplicação das regras de conduta
	Comunicação	participação em actividades e organizações transmissão de normas e valores culturais
	Funcional	papéis que desempenha

A construção deste modelo de análise visa operacionalizar os conceitos juntos das suas dimensões e indicadores capazes de explicar a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade.

CAPÍTULO III

7. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo propomos fazer a apresentação dos resultados obtidos no trabalho de campo, realizado na cidade da Beira de 18 de Dezembro de 2002 a 18 de Janeiro de 2003.

Na apresentação iremos focalizar as acções e medidas a favor do idoso. Para tal, falaremos das instituições sociais criadas para o efeito. Falaremos também dos factores que condicionam a prática da mendicidade, assim como os locais de maior concentração de mendigos na cidade da Beira.

7.1 O Idoso e as Instituições Sociais

Para efeito do presente trabalho são consideradas instituições sociais todas aquelas que integram nas suas atribuições as áreas sociais, como a saúde, educação, acção social. É nesta última que se integram as questões inerentes a velhice.

Na cidade da Beira tivemos acesso a duas instituições que trabalham na área do idoso. Nomeadamente a Direcção Provincial da Mulher e Coordenação da Acção Social (DPMCAS) e o Instituto Nacional de Acção Social (INAS). Estas duas instituições trabalham em estreita coordenação, aliás as duas são subordinadas ao Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social (MMCAS). Para melhor nos inteirarmos destas instituições, destacamos de seguida o papel de cada uma delas, começando pelo INAS:

O INAS (Delegação Provincial de Sofala), presta assistência a cerca de 4.021 idosos em situação desfavorecida na província. Dos quais 1916 na cidade da Beira. O que corresponde a 47,6 por cento do total dos idosos beneficiários na província. Essa assistência é prestada a todos aqueles que satisfaçam as seguintes condições:

- a) Ter 60 anos de idade, sendo do sexo masculino e 55 anos de idade, sendo do sexo feminino;

- b) Estar em situação de pobreza absoluta, certificada por uma declaração do Secretário do Bairro,
- c) Ter um rendimento familiar mensal inferior a 32.000,00MT.

No acto da sua inscrição para se tornar beneficiário do INAS, o idoso deve estar acompanhado do seu bilhete de identidade e da declaração passada pelo Secretário do bairro confirmando a sua situação de pobreza absoluta. Quanto as categorias dos beneficiários são duas a saber:

- a) Beneficiários directos refere-se aos idosos inscritos no processo;
- b) Beneficiários indirectos refere-se aos indivíduos a cargo dos beneficiários directos.

7.2 Programas do INAS

No desempenho das actividades, o INAS opera com um conjunto de programas sociais visando melhorar as condições dos grupos sociais desfavorecidos. Destes programas constam:

- a) Programa de Subsídio de Alimento;
- b) Programa de Desenvolvimento Comunitário;
- c) Programa de Beneficio Social pelo Trabalho (nova concepção do que era o programa comida pelo trabalho);
- d) Programa de Geração de Rendimentos;
- e) Programa de Apoio Social Directo e;
- f) Apoio Psicossocial.

O Programa de Subsídio de Alimento (PSA) é uma actividade complementar cujo alvo são as pessoas incapacitadas para trabalhar. É neste programa onde encontramos grande parte de idosos como beneficiários. Os beneficiários do PSA, recebem mensalmente um valor monetário de 32.000,00 MT.

Os resultados da análise dos dados do IAF 96-97, indicam que os níveis de pobreza em Moçambique continuam extremamente altos. O consumo médio mensal per capita foi estimado em 160.780,00 MT, ou seja cerca de US\$170 anuais per capita ao câmbio em vigor durante o inquérito (MPF, 2001:14). Em termos monetário, a linha da pobreza nacional foi fixada em 5.433.00 MT por pessoa por dia, depois de ponderar as várias linhas de pobreza por província, ajustadas para reflectir as diferenças no custo de vida (MPF, 2001 :13). No nosso entender os 32.000,00 MT já não correspondem com o estado actual da realidade sócio-económica que o país atravessa. A razão de 30 dias nem chegam a atingir os 5.433,00 MT como valor fixado por pessoa por dia. Como mostram os cálculos abaixo:

$$\begin{array}{r} 30 \text{ dias} \text{ —————} 32.000,00 \text{ MT} \\ 1 \text{ dia} \text{ —————} X \\ X = \frac{32.000,00 \text{ MT} \times 1 \text{ dia}}{30 \text{ dias}} \\ X = 1.066,67 \text{ MT} \end{array}$$

O Programa de Desenvolvimento Comunitário (PDC) apenas está a nível teórico ou das ideias, pois nunca foi implementado na cidade em estudo.

O Programa de Benefício Social pelo Trabalho (PBST), também conhecido outrora como comida pelo trabalho, tem sido várias vezes implementado nos distritos de Búzi, Dondo, Cheringoma e na cidade da Beira. Este programa envolve pessoas em situação de pobreza absoluta, mulheres com problemas de má nutrição, cujos maridos se encontram na situação de desempregados, pessoas que se encontram em péssimas condições de vida, etc.

O Programa de Geração de Rendimentos (PGR) destina-se à criação de capacidades mínimas dos beneficiários para por meios próprios gerarem fundos para o auto sustento.

O Programa de Apoio Social Directo (PASD) diz respeito ao contacto efectuado pelas brigadas técnicas do INAS aos domicílios dos beneficiários, para se inteirar da real situação e transmitir alguns valores morais.

O Programa de Apoio Psicossocial procura fazer a recolha de dados e informações sobre a história de vida dos idosos. Este programa tem sido geralmente realizado no Centro de apoio a velhice de Nhangau de que falaremos mais adiante.

Dos programas acima descritos, dois é que têm maior impacto nas comunidades. O primeiro, é o programa de benefício social pelo trabalho. A aderência a este programa pode ter como justificação o facto de em troca do trabalho, as pessoas receberem comida. O segundo é o programa de subsídio de alimento. Este envolve maioritariamente idosos, pessoas portadoras de deficiência e mães chefes de agregados que no final de cada mês recebem como subsídio 32.000,00 MT.

7.3 Dificuldades enfrentadas

Segundo o chefe de programas do INAS na província de Sofala, existem várias dificuldades enfrentadas pelo INAS dentre as quais merece destaque, as seguintes:

- a) Falta de capacidade de resposta por parte do Governo aos vários problemas e demandas sociais;
- b) Falta de documentação de confirmação da idade e de conhecimento da real situação vivida pelos beneficiários, particularmente os idosos;
- c) Insuficiência de recursos financeiros, materiais e humanos para a implementação dos programas definidos.

Para a DPMCAS, nas palavras do chefe do Departamento de Coordenação da Acção Social, há todo um trabalho no sentido de reduzir o número de idosos voltados a mendicidade. Como forma de concretizar este trabalho, a DPMCAS decidiu aumentar as atribuições do Centro de Trânsito de Macurungo de modo a acomodar os idosos no momento do seu

processo de integração. Quando os familiares destes não são identificados ou quando as condições sócio-económicas dos seus familiares são de baixa renda, os idosos são encaminhados para o Centro de Apoio a Velhice de Nhangau.

No período compreendido entre 1996 a 1998, foram atendidos pela DPMCAS 144 idosos nos Centros, tendo sido identificados 10.558 idosos nas comunidades¹³. Nas comunidades, o atendimento é feito após a identificação dos idosos pelos assistentes sociais da DPMCAS, em estreita coordenação com os secretários dos bairros.

7.4 Acções Desenvolvidas pela DPMCAS

A DPMCAS tem vindo a desempenhar várias acções dentre as quais se pode destacar as seguintes:

- Campanhas de sensibilização visando mudança de atitude e concepção que se tem para com o idoso, usado a imprensa, rádio, etc,
- Educação pública em estreita ligação com os secretários dos bairros,
- Divulgação dos direitos da terceira idade,
- Emissão de declarações de acção social para assistência dos idosos nos hospitais,
- Conjugação de esforços junto ao INAS no sentido de promover o programa de subsídio de alimento para atenuar o sofrimento dos idosos.

Para uma melhor implementação destas acções e reduzir o sofrimento e o número de idosos mendigos, a DPMCAS defende que o atendimento dos idosos deve ser prioritariamente feito na comunidade. O que vai de encontro com um dos princípios da Política da Acção Social (não institucionalização):

"...não é política do governo de Moçambique confinar idosos em Centros. O lugar do idoso é na família, na comunidade. É lá onde se sente melhor¹⁴ (*in* Domingo, 31.03.02).

¹³ DPMCAS, Relatório Quinquenal, 1994-1999

¹⁴ Palavras da Ministra da Mulher e Coordenação da Acção Social.

À semelhança do INAS, a DPMCAS também enfrenta dificuldades, como a insuficiência orçamental, a falta de meios materiais e humanos. Porém, o chefe do Departamento da Coordenação da Acção Social argumenta que no país há uma marginalização do sector da acção social. Por outro lado, defende que o Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta (PARPA) remete ao segundo plano o sector da acção social. Em relação as acções definidas no período 1995-2000, o mesmo aponta para um desempenho positivo alegando ter havido uma maior aproximação aos idosos.

7.5 Formas de exclusão social dos idosos

A situação de exclusão social pode ser definida como um oposto da integração social. A impossibilidade em participar nas principais organizações e instituições da sociedade representa uma exclusão: esta pode referir-se às instituições económicas (acesso ao emprego, profissão e rendimento); escolas (educação e condições de sucesso); e à não participação num conjunto de outras relações sociais: associações (desportivas, recreativas); vida familiar (isolamento) e relações de amizade (Ferreira *et al.*, 1995:327-328).

Para Knipscheer e Rijsselt (1993), citados por Ferreira, um caso actual de exclusão social a múltiplos níveis é o da população idosa. Segundo estes autores, verifica-se uma exclusão social estrutural das pessoas de idade; os aspectos decisivos de exclusão situam-se no nível económico por força de mecanismos formais (idade oficial de reforma, consagrada pelo regime de reformas obrigatórias) ou informais (discriminação por parte dos empregadores) do mercado de trabalho (Ferreira *et al.*, 1995:328).

Da Silva, no seu Relatório sobre a Terceira Idade, aponta algumas causas de exclusão social de que os idosos em Moçambique são alvo:

- a) Acusação dos descendentes aos pais e/ou avós como sendo feiticeiros, portadores de males e da desgraça deixando-os em situação de abandono e desprotecção;

- b) Filhos ou netos há que recusam-se de acolher os seus pais e avôs, movidos pelo argumento único de salvar o casamento, empurrando progenitores legítimos para a insegurança, sofrimento e desamparo;
- c) A emigração de jovens por períodos bastante longos traduz-se no corte do cordão umbilical, retirando aos pais e aos avôs a hipótese de segurança familiar.

Nas zonas urbanas, a ocorrência da mobilidade social ascendente contribui para a mudança do estilo de vida da família. Esta mudança traz consigo novos hábitos sociais e culturais que levam a uma diferença de visão do mundo entre o idoso e o resto da família:

“O idoso no país deixou de ser aquela biblioteca viva, para passar a autêntico farrapo, ultrajado, desprezado e humilhado sob acusação de feitiçaria...” (*in* Domingo, 31.03. 02.).

Nas palavras de Dionísio (2001), o processo de urbanização, a mobilidade social ascendente decorrente de maiores índices de escolarização e as alterações nos papéis sociais e familiares estarão assim, grosso modo, associados a uma diminuição do estatuto social dos velhos.

7.6 Centro de Apoio a Velhice de Nhangau

O Centro de Apoio a Velhice de Nhangau (CAV- Beira) localiza-se no posto administrativo de Nhangau à 27 Km da cidade da Beira. É uma instituição do regime internato à pessoa da terceira idade desamparada ou nível de renda precário.

A instituição localiza-se numa área de fraca produção económica. A população residente dedica-se a actividades agro-pecuária e pesca artesanal. Na zona não existe em funcionamento nenhum estabelecimento comercial, cabendo a actividade comercial aos vendedores informais.

Este Centro é o único destinado a idosos sob tutela da DPMCAS, com uma capacidade de cem utentes¹⁵. Até o ano 2000 foram atendidos no Centro de Nhangau 136 utentes. Só no ano 2000, o Centro atendeu 51 utentes dos quais 28 do sexo masculino e 23 do sexo feminino, assistidos por 14 trabalhadores¹⁶.

Na nossa deslocação ao Centro, com o objectivo de recolhermos algumas histórias de vida dos idosos ali acomodados, constatamos o seguinte:

- Os idosos aqui acomodados são de várias proveniências e cada um com sua história,
- Alguns idosos trazem consigo hábitos cristalizados (como o consumo de bebidas alcoólicas, o roubo e a desobediência) não consentâneos com as normas e regulamentos estabelecidos no Centro,
- O Centro apresenta uma série de dificuldades dentre as quais a alimentação. Isto leva a que estes idosos, apesar de estarem no Centro, procurem na mendicidade a compensação das carências do Centro.

No Centro conversamos com 10 idosos; 6 do sexo feminino e 4 do sexo masculino que nos falaram das suas histórias de vida e da maneira como chegaram ao Centro.

A primeira idosa com quem conversamos, de 60 anos, disse que chegou ao Centro devido as cheias do ano 2000. Ela vivia no distrito de Búzi com um dos filhos:

“Eu vivia no Búzi e quando houve aquela cheia achei melhor vir à Beira em casa dos meus filhos. As pessoas me acompanharam para apanhar carro para Beira. Quando cheguei fui levado directamente ao Centro de Trânsito de Macurungo, onde permaneci alguns dias. Depois levaram-me para este Centro de Nhangau. Não sei dizer se isto não foi uma forma que meus filhos arranjam para me afastar deles, pois as minhas noras sempre me acusam de feitiçaria. Não quero mais viver aqui no Centro, mas os meus filhos não querem saber de mim e nem se quer me visitam (...)”

¹⁵DPMCAS. Relatório Trimestral de 2001, p.14

¹⁶DPMCAS. Relatório Anual 2000, p.21

São várias outras situações que podemos encontrar neste Centro. Alguns estão no Centro porque acham que a vida da cidade é bastante cara o que lhes leva a serem considerados um encargo para a família. Como nos disse uma idosa nascida em 1914 em Inharrime:

“Tenho netos e sobrinhos a viver na cidade. Eles vêm cá me visitar mas eu não posso viver na cidade. Meu filho, a vida da cidade é muito cara, tudo se compra, até verdura. Prefiro estar aqui no Centro, longe da cidade. Posso ir a machamba produzir alguns alimentos para o meu sustento”.

A vida da cidade é para alguns idosos um desconforto, uma transgressão dos valores éticos e morais. Muitos desses idosos ainda preservam os hábitos e costumes do campo. Portanto, ao interagirem com a nova realidade urbana sentem-se praticamente isolados e marginalizados. Não podem praticar a actividade agrícola nem desempenhar certos papéis consentâneos com a vida do campo. Eles têm a sua construção da realidade e do mundo social, uma maneira de ver as coisas bastante diferente dos restantes membros da família.

A emigração dos filhos ou de algum outro membro da família a procura de melhores condições de vida e emprego, também constitui um factor que leva alguns idosos a viver no Centro. Como nos contou esta idosa que nasceu no ano de 1945:

“Eu vivia com o meu filho e minha nora no bairro da Manga Mascarenha. Meu filho decidiu abandonar-nos sem dar satisfação. O tempo foi passando e a minha nora acabou voltando para casa dos pais com os filhos. Eu já não tinha mais dinheiro para pagar a renda da casa e nem para comprar alimentos. Fui ao secretário do bairro e ele passou-me uma declaração para me apresentar neste Centro. Agora ouvi dizer que o meu filho está vivo e se encontra na cidade do Maputo. Quando regressar irei viver com ele. A vida aqui no Centro é muito difícil. Agente só come xima com feijão e muitas vezes não matabichamos. Por exemplo agora, desde que papa acabou, a gente só espera almoço. Mas também terra de outro é de outro (...).”

No centro também vivem idosos que foram encontrados na rua sem abrigo e sem familiares para os acolher:

“ (...) vivia com minha esposa no edifício abandonado da casa Bulha. Quando amanhecia íamos ao mercado do Maquinino apanhar tomate para vender. Às vezes carregava sacos. Cozinhávamos em panelas de lata. Um dia fomos levados para este Centro...”.

Muito dos idosos do Centro apresentam hábitos e costumes enraizados. Alguns deles quando recebem roupa vendem-na nas comunidades ao redor do Centro para consumir bebidas alcoólicas ou para comprar pão para mata-bicho. Outro grupo de idosos faz trabalho de *ganho-ganho* (trabalhos temporários) nas machambas das pessoas e em troca recebem algum dinheiro para compra de arroz e pão. Outros ainda se deslocam para a cidade às sextas-feiras (beneficiando-se do livre acesso dos autocarros dos TPB) para pedir esmola como mendigos. Muitos desses idosos são obrigados a manipular a sua identidade em defesa dos seus interesses. De regresso ao Centro recebem algumas sanções sociais por parte da directora do Centro:

“você querem sujar a minha imagem? Vão pedir esmola para fazer o quê? Não comem aqui?”.

Isto mostra claramente, na perspectiva de Goffman (1989) o carácter dos estabelecimentos sociais - qualquer lugar limitado por barreiras estabelecidas à percepção, no qual se realiza regularmente uma forma particular de actividade - de apresentar nas regiões de fachada uma boa imagem em relação ao seu funcionamento.

7.7 O idoso na rua

A selecção dos idosos com quem conversamos na rua foi feita mediante as aparências físicas e o questionamento da idade do entrevistado. Caso curioso é que existe no seio destes idosos três tipos a saber:

Primeiro, temos aqueles idosos que todos os dias saem das suas casas e se fixam num ponto da cidade a pedir esmola. Estes no final do dia regressam à casa;

Segundo, temos os idosos que só pululam pela cidade às sextas-feiras, por vezes acompanhados de alguns membros da família;

Terceiro, temos os idosos desamparados que circulam por todos cantos da cidade durante o dia. Quando anoitece dormem em qualquer que seja o lugar: nos mercados, paragens de "chapas"¹⁷, em frente dos estabelecimentos comerciais, corredores, escadas dos prédios, edifícios abandonados, etc. Muitos destes idosos são doentes mentais, deficientes físicos ou mesmo padecendo de qualquer outra doença.

Na conversa que fizemos com este tipo de idosos ficamos sabendo que, à semelhança dos idosos do Centro de Nhangau, eles apresentam suas motivações para enveredarem pela prática da mendicidade. Ligado a estas motivações há um conjunto de factores que se resumem no seguinte:

FACTORES CULTURAIS

- Acusação de feitiçaria
- Desvalorização do papel do idoso
- O estilo de vida urbana
- Mobilidade social ascendente dos filhos

FACTORES SOCIAIS

- Divórcio
- Abandono pelos filhos
- Conflitos internos na família
- Viver com netos órfãos de pais
- Problemas de saúde

FACTORES ECONÓMICOS

- Falta de fonte de rendimento
- Baixo rendimento familiar
- Programas de Ajustamento Estrutural

¹⁷ Nome frequentemente usado para designar os Transportes Semi Colectivos de passageiros.

FACTORES POLÍTICOS

- Guerra de desestabilização
- Marginalização dos direitos da pessoa da terceira idade
- Menor abrangência e menor impacto das políticas do idoso nas comunidades.

Estes factores não têm a mesma proporção, como indica a tabela abaixo.

Tabela 1

Quadro Resumo de Respostas das Entrevistas a Idosos na Cidade da Beira

Agrupamento das Respostas por Natureza	Valores Absolutos (Unidade)	Valores Relativos (%)
Acusação de feitiçaria	5	12,5
O estilo de vida urbana	1	2,5
Mobilidade social ascendente dos filhos	1	2,5
Divórcio	1	2,5
Abandono pelos filhos	4	10
Viver com netos órfãos de pais	2	5
Problemas de saúde	3	7,5
Falta de fonte de rendimento	7	17,5
Baixo rendimento familiar	10	25
Programas de Ajustamento Estrutural	3	7,5
Guerra de desestabilização	2	5
Outros Motivos	1	2,5
Total	40	100

Embora o questionário tenha arrolado um conjunto de 18 questões para obtenção de respostas livres segundo a metodologia adoptada, a tabulação das informações possibilitou dois grupos de respostas significativas. O primeiro grupo, responde a questões previamente pensadas e para as quais o inquiridor procurava resposta. Estas questões dizem respeito directamente às motivações económicas, a falta de atenção para com o idoso no lar até o seu abandono e a acusação de feitiçaria, esta incide especialmente sobre as idosas. No segundo, encontram-se respostas espontaneamente manifestadas pelos inquiridos como fazendo parte essencial da sua trajectória rumo a mendicidade. Estas incidem sobre outras causas que teriam provocado a mendicidade do idoso, designadamente o processo de

privatização, a perda de emprego devido a falência ou por outros motivos, a dispersão e desorganização do núcleo familiar provocados pela guerra de desestabilização.

Há ademais um terceiro grupo de entrevistados cujas respostas não adicionam elementos relevantes para os objectivos da pesquisa (p.ex.: cheias de 2001, etc.), pelo que foram classificadas como Outros Motivos, mas que contudo foram computadas por integrarem o universo da pesquisa.

Como mostra a Tabela 1, 25% dos entrevistados apontou como causa directa da sua situação de mendicidade o baixo rendimento familiar, 17,5% alega a falta de fonte de rendimento e 7,5% o Programa de Ajustamento Estrutural. Isto significa que 50% dos entrevistados têm como causa da prática da mendicidade os factores económicos. Fora dos factores económicos, o segundo motivo mais frequente reside na acusação de feitiçaria com 12,5%. O abandono pelos filhos constitui o terceiro maior motivo com cerca de 10%. O problema de saúde representa o quarto maior motivo com 7,5%. Há, neste motivo, a destacar os idosos mendigos portadores de deficiência visual. As demais causas, designadamente, a guerra de desestabilização, o divórcio, o estilo de vida urbana, viver com netos, a mobilidade social ascendente dos filhos e outros embora indicados têm individualmente peso relativo sempre inferior a 7,5%.

A acusação de feitiçaria, o abandono pelos filhos e o baixo rendimento familiar, são os factores mais apontados pelos idosos entrevistados. Aqui podemos estabelecer a relação com as hipóteses de trabalho:

a) quanto maior for o enfraquecimento do papel do idoso na família e no meio urbano em que este vive menor é a probabilidade deste encontrar uma efectiva integração social na família.

A acusação de feitiçaria e o abandono pelos filhos cria condições para o enfraquecimento do papel do idoso na família e na comunidade, assim como a sua exclusão social.

b) quanto menor for a estabilidade sócio-económica da família maior é a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade.

O baixo rendimento familiar faz com que alguns idosos sejam mais propensos à mendicidade. Isto transforma o idoso mendigo numa fonte de rendimento para a família.

A prática da mendicidade dos idosos é, muitas das vezes, do conhecimento dos respectivos filhos ou familiares. Os idosos são usados como fonte de rendimento para a família:

“Os meus filhos sabem que ando a pedir esmola todas as sextas-feiras, até quando recebo uma camisa que não me serve ofereço a qualquer dos meus filhos. Alguns dos meus filhos têm me ajudado mas ando a pedir esmola, porque eles são casados e as despesas são maiores. Os outros nem se quer precisam de me ver vivo. Principalmente o meu filho que trabalha no Novo Cine (casa de cinema). Quando eu trabalhava na cidade de Maputo todos os anos vinham me visitar com as suas respectivas esposas mas hoje que já estou velho (com 80 anos de idade) sem mais energias para trabalhar se esqueceram de mim. Não posso viver com os meus filhos casados porque as minhas noras podem precisar de falar coisas pesadas (íntimas) com o marido e não poder fazê-lo por causa da minha presença”

Outro problema que leva alguns idosos a mendigar está relacionado com o facto de viver com netos órfãos de pais ou que tenham sido abandonados pelos pais. Como nos contou esta velha de 42 anos de idade:

“Vivo no bairro da Manga. Todos os dias nas manhãs saio de casa para esta varanda (da Morreira da Silva) pedir esmola. Não tenho possibilidades. Sou de Inhambane e os meus pais assim como o resto dos meus irmãos faleceram. Fiquei com a minha filha e esta também faleceu no ano passado tendo me deixado com dois netos. Eles estudam na terceira classe e a única forma que tenho para os sustentar é pedir esmola. Os meus familiares não ajudam e nem se quer procuram saber de mim. Mesmo agora vivo com uma vizinha que por pena ofereceu-me um lugar para ficar com as crianças. Recebo o subsídio de alimento do INAS mas os 32.000, 00 MT não chegam para nada”.

Situação idêntica é também vivida por vários outros idosos como nos disse um dos idosos, de 64 anos, com quem conversamos na paragem de taxi do Maquinino:

“Estou doente, tenho problemas na perna e acabo de sair do hospital. Tenho minha casa na Manga mas não tenho como me sustentar. Não tenho familiares cá na Beira. Vivia com minha filha. Ela se

engravidou e depois deixou-me com o filho e foi se embora. Agora não sei onde que ela está... meu filho, eu sou pedreiro, trabalhava na Construção Técnica, a empresa fechou, alguns dos meus colegas foram indemnizados e eu não. O caso está agora no Tribunal....”

Como se pode constatar, para além, da falta de familiares, abandono pelos filhos, temos, também, a questão da falência das empresas. O que podemos dizer é que há um conjunto de factores associados que levam o idoso a mendigar. Nalguns casos para sustentar a si e aos netos, noutros para ajudar a família e noutros ainda, para sustentar vícios, como o alcoolismo:

“... meu filho, não pode me ver assim, sou pedreiro. A minha empresa fechou e agora não faço nada. Venho aqui¹⁸ sempre pedir apoio aos irmãos muçulmanos porque sou pobre. Preciso de comer, comprar petróleo e dar de comer ao meu neto. Por isso tenho que pedir esmola, é pobreza”.

Durante o trabalho de campo nos deparamos com situações de pessoas apresentando características da velhice, como as que definimos no nosso modelo de análise. Porém, com uma idade inferior a 55 ou 60 anos (sendo mulher ou homem, respectivamente) para que sejam considerados idosos (segundo a definição do idoso adoptada no trabalho). Isto nos leva a dizer que o uso da cor dos cabelos, debilidade física e mental, a pele enrugada e a idade (como mostra o nosso modelo de análise), como indicadores para definir a pessoa idosa, pode não ser muito adequado para o caso moçambicano. Pois, encontramos casos de envelhecimento precoce como consequência da má nutrição, falta de assistência médica e medicamentosa, o estado de pobreza absoluta, etc. Aliás, o nível de esperança de vida em Moçambique é bastante inferior comparado aos países desenvolvidos. A esperança de vida é de 44 anos¹⁹. Contudo, estes indicadores não devem ser considerados inválidos porque expressam as características biológicas da velhice.

Dos 40 idosos entrevistados 24 são do sexo feminino e 16 são do sexo masculino, como indica a tabela abaixo:

¹⁸ Aqui refere-se a Mesquita da Baixa, no centro da cidade.

¹⁹ Ver Relatório de Desenvolvimento Humano de Moçambique, PNUD, 2001, Maputo, p.18

Tabela 2

Distribuição dos Idosos Entrevistados por Sexo

CATEGORIA	SEXO		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Idosos	16	24	40

O elevado número de idosos mendigos do sexo feminino se explica pelo facto das mulheres idosas serem as principais vítimas de acusação de feitiçaria e do estado de viuvez.

7.8 Locais de Concentração de Mendigos

Na cidade da Beira há vários locais de concentração de mendigos, dos quais destacamos os seguintes: portão de entrada de Shoprite, Mercado de Maquinino, a parte frontal das instalações da Mafuia Comercial na zona do Maquinino, terminal de "chapas", a Ponte sobre o Chiveve, que separa as zonas da Baixa e Maquinino (junto ao prédio Brito), Mercado Central, Morreira da Silva (um estabelecimento comercial situado na Baixa da cidade) e Mesquita da Baixa.

O que distingue estes locais é a sua localização e as actividades que neles se realizam. O portão da Shoprite constitui uma atracção de mendigos devido ao grande fluxo de pessoas que lá se deslocam. O Mercado Central se justifica pelo facto de se encontrar no centro da cidade. Em relação a parte frontal das instalações da Mafuia Comercial pode se dizer que a concentração de mendigos neste local se deve ao facto de, por um lado, haver um armazém e por outro, ao facto de ser um lugar de trânsito. A terminal de "chapas" é estratégica para os mendigos devido a aglomeração de passageiros. A ponte sobre o chiveve (junto ao prédio Brito), serve de passagem das pessoas que se deslocam para a zona da Baixa saindo da zona de Maquinino e vice-versa. Junto à ponte se realiza o comércio informal. Estes factores concorrem para o fluxo e aglomeração de pessoas neste local, consequentemente a concentração de mendigos. A casa Morreira da Silva pelo facto de se localizar na Baixa da cidade junto há vários outros estabelecimentos comerciais. Por último, a Mesquita da Baixa

apresenta outro cenário, pois, a concentração de mendigos neste local é mais frequente às sextas-feiras, durante a realização da oração dos muçulmanos. Aqui os mendigos formam grandes "bichas" e são frequentemente acompanhados por outros membros da família. Grande parte dos mendigos que frequentam este local só saem a rua (para mendigar) às sextas-feiras.

Os mendigos com pontos fixos, que já referimos, têm como ponto de maior concentração a ponte sobre o Chiveve (junto ao prédio Brito), sendo na sua maioria deficientes visuais. Em relação aos mendigos ambulantes, que pululam pela cidade, com maior frequência às sextas-feiras, a Mesquita da Baixa tem sido o local de maior concentração, seguido dos vários estabelecimentos comerciais situados na Baixa e Maquinino (conforme mostra a tabela 3 - Número Total de Entrevistados e sua Distribuição por local de Entrevista). A concentração de mendigos nestes locais deve-se ao facto de ser lugares de maior movimentação e afluxo de pessoas.

Tabela 3

Número Total de Entrevistados e sua Distribuição por local de Entrevista

LOCAL DE ENTREVISTA	GRUPOS ENTREVISTADOS		TOTAL
	Funcionários	Idosos	
CAV- Nhangau	1	10	11
DPMCAS	3	0	3
INAS	1	0	1
Ponte sobre o Chiveve	0	6	6
Mesquita da Baixa	0	8	8
Mercado de Maquinino	0	5	5
Portão de Shoprite	0	2	2
Mercado Central	0	4	4
Morreira da Silva	0	2	2
Mafuia Comercial	0	3	3
TOTAL	5	40	45

CAPÍTULO IV

8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são discutidos os resultados da investigação; é feita a comparação dos resultados e a apresentação das principais constatações inferidas, relativamente ao fenómeno estudado.

8.1 O Processo de Integração Social

A questão da integração social foi amplamente discutida pelo sociólogo americano Talcott Parsons. Para Parsons, a integração faz parte do sistema social - definida como um sistema social- reduzido aos termos mais simples - consiste, pois, numa pluralidade de actores individuais que têm, ao menos, um aspecto físico ou de meio ambiente, actores motivados por uma tendência para "obter um óptimo de gratificação" e cujas relações com as suas situações- incluindo outros actores- estão mediatizados e definidos por um sistema de símbolos culturalmente estruturados e partilhados (Parsons cit. por Ferreira *et al.*, 1995:228).

Na perspectiva parsoniana, o papel é a unidade básica do sistema social. É na medida em que os indivíduos desempenham os seus papéis que se integram na sociedade e a constituem (Ferreira *et al.*, 1995:228). Nesta integração, o indivíduo parsoniano se debate com um dilema, pois, o sistema social oferece um conjunto de situações ou alternativas preestabelecidas. Portanto, a acção do indivíduo deve ser feita mediante a escolha dessas alternativas já estabelecidas, o que lhe impossibilita de agir para além desta escolha. Porém, para Parsons, esta escolha das alternativas oferecidas é racional, contrariamente a Durkheim que defende a sua imposição aos indivíduos como fato social - definido como toda maneira de agir fixa ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma

existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter (Durkheim, 1966:12).

No caso concreto do idoso, assistimos uma tendência de desintegração dado o enfraquecimento do seu papel na família e na comunidade. A nova realidade sócio-económica que molda o estilo de vida urbana cria condições para o isolamento do idoso, conseqüentemente a sua vulnerabilidade à mendicidade.

As famílias nas zonas urbanas, quando amanhece o dia, normalmente, o marido vai ao serviço e a esposa também ou vai praticar a actividade comercial. Se não faz nenhuma dessas coisas, muita das vezes, fica em casa a desempenhar outras actividades. As crianças se não vão à escola vão a creche. Em algumas famílias de baixa renda as crianças são obrigadas a estar no mercado ou nas "esquinas" a praticar o comércio. Neste contexto, assistimos idosos que optam por deambular pela cidade como forma de fugir o isolamento:

"Muitos idosos nas trevas da cidade têm descendentes, mas a intolerância familiar aos mimos e chatices, é tal que os velhos preferem o calor da rua ao calor da casa, tal como fazem os meninos que vemos transformados em crianças de rua" (*in* Domingo, 4.10.98).

Uma das perguntas que se pode levantar é como integrar os idosos?

Uma das formas possíveis de integração do idoso seria a reconquista do seu papel na família e na comunidade. Esta reconquista exige que a sociedade (vista como a interacção entre os indivíduos), reconheça o idoso como educador, possuidor de conhecimento e saberes curativos (tradicionais).

Numa altura em que a problemática do HIV/SIDA está a criar muitas vítimas mortais, deixando muitas crianças órfãos de pais, seria momento de contar com o contributo dos idosos para o amparo dessas crianças prevenindo a delinquência juvenil.

A criação de uma política do idoso que tome em consideração as reais condições a que os idosos se encontram, de acordo com a realidade moçambicana, uma maior sensibilização da sociedade civil sobre a importância dos idosos na sociedade, poderiam contribuir de certa maneira para a sua reintegração.

8.2 O uso da linguagem verbal e de gestos

O uso da linguagem verbal e de gestos apropriados (que procuram mostrar a desgraça) faz parte da arte de pedir esmola. O que os mendigos chegam a fazer é uma autêntica encenação, procurando criar aos transeuntes e ao próximo um sentimento de pena e piedade.

No tocante a linguagem verbal podemos dar os seguintes exemplos:

“Estou a pedir maquinhenta patrão para comprar farinha, ajuda irmão estou a morrer eu, cego patrão, fome patrão, etc”.

Muitas destas expressões são acompanhadas de canções (algumas delas religiosas) que causam nas outras pessoas um sentimento de dor e compaixão. Por exemplo, as canções que ouvimos de alguns mendigos cegos, na ponte sobre o Chiveve (junto ao prédio Brito):

N'diphedzenimbo patrão

N'diphedzenimbo

N'diphedzenimbo patrão

N'diphedzenimbo

(...)

Na língua sena isto significa ajude me patrão.

No que diz respeito aos gestos, os mendigos estendem a mão pedindo esmola, com o rosto a aparentar muita desgraça e sofrimento, sobretudo muita fome, com a mão pousada na barriga. Com frequência eles vão seguindo as pessoas que eles acham ter muita posse ou um bem-estar social, capaz de dar esmola. Por exemplo, pessoas bem trajadas, pessoas

carregando bens (alimentícios ou não), pessoas possuindo carro, etc. Esta forma de avaliar as pessoas nos remete a etnometodologia; pois, os mendigos fazem o uso das experiências e convivências do dia a dia para construir a imagem do outro (a pessoa a quem pedem esmola).

O mendigo na rua faz uma representação que só a sua boa encenação como actor lhe ajuda a tirar proveito da sua plateia. Esta prática pode ser a expressão do estado de pobreza absoluta a que algumas pessoas se encontram, assim como a exclusão social a que os pobres estão sujeitos:

“...a desqualificação dos pobres, expressa no próprio modo de vida e comportamento, representa um mundo à parte do contexto social, constrói referências e define o lugar dessa camada populacional que a sociedade coloca na condição de párias” (Siqueira *et al.*, 2001:296).

8.3 Constatações

De acordo com os dados recolhidos e as entrevistas realizadas na cidade da Beira constatamos que existe a intenção por parte do governo de minimizar a situação dos idosos em situação difícil. Quer na DPMCAS quer no INAS (Delegação de Sofala) existem programas de apoio ao idoso. Mas dadas as dificuldades de ordem material, financeira e humana, reduz-se o impacto destes esforços e programas na sociedade. Como reflexo disso, é a permanência persistente de mendigos idosos em toda a parte da cidade. Alguns dos quais são beneficiários do INAS e outros, provenientes do Centro de Apoio a Velhice de Nhangau.

Constatamos ainda que a racionalização da mão-de-obra, a privatização e a falência de algumas empresas poderá levar nos próximos tempos ao aumento do número de idosos mendigos na cidade da Beira. Esta constatação pode ser fundamentada tomando como exemplo a empresa Caminhos-de-Ferro. Esta empresa empregava grande parte da população da cidade da Beira e dos distritos como Dondo e Nhamatanda (local de proveniência de alguns mendigos). Com o processo de racionalização de mão-de-obra nesta

empresa, muitos trabalhadores viram-se indemnizados e fora da empresa. São essas modalidades de pagamento que podem concorrer para o aumento da mendicidade dos idosos num futuro próximo, devido as seguintes causas:

- a) Muitos trabalhadores, por serem de uma idade já avançada, confiaram a guarda do dinheiro aos seus filhos, que acabaram desviando a aplicação do mesmo para benefícios pessoais, deixando os pais em situação de penúria;
- b) Alguns trabalhadores, agora desempregados, optaram por um novo estilo de vida como fruto do dinheiro recebido. Porém, não tendo consciência da falta de uma outra fonte de rendimento que possa garantir o seu sustento no futuro;
- c) Outros ainda, pura e simplesmente, foram assaltados após o levantamento do dinheiro da indemnização;
- d) Outra categoria, que poderá virar mendigo, faz parte daqueles trabalhadores que após ter recebido o dinheiro se tornaram alcoólatras e tendo se envolvido em problemas sociais como o divórcio e o abandono da família.

Ao longo do estudo verificamos que há uma espécie de formalização das sextas-feiras como se esses fossem dias oficiais da prática da mendicidade, apesar de não existir alguma legislação, no país, neste sentido. Esta prática estimula alguns indivíduos a caírem na mendicidade. Pois, o que vemos nas sextas-feiras não são apenas idosos ou pessoas portadoras de deficiência a pedir esmola. Mas, também gente de todas as idades e alguns até aptos para desempenhar actividades que possam contribuir para o seu sustento e para o bem da sociedade, como afirmam Menezes e Lourenço:

(...) para o caso dos muçulmanos constituem exemplos os famigerados *zacates* das sextas-feiras, que, instituídos oficiosamente, acabam condicionando na prática os hábitos, os planos e a vida dos que praticam a mendicidade, bem assim a matiz social das cidades, ou seja a paisagem destas, através da predominância de "bichas" ou fluxos de mendigos nas lojas de comerciantes muçulmanos e mesquitas (Menezes e Lourenço, 2000:7).

8.4 Comparação dos resultados

À semelhança do que identificamos na revisão da literatura, a prática da mendicidade é causada por um conjunto de factores culturais, sociais, económicos e políticos. Porém, estes factores não actuam com a mesma intensidade. O estudo mostrou que a acusação de feitiçaria, o abandono pelos filhos e, o baixo rendimento familiar manifestado pela fraca estabilidade sócio-económica, são os factores mais salientes na prática da mendicidade da pessoa idosa:

"...a maior parte dos idosos actuais não vivem nas condições actuais por falta de familiares para os amparar, mas sim porque são esses parentes que os empurram para a indigência, maltratando-os, situação agravada pelas dificuldades impostas pelo momento em que o custo de vida é cada vez crescente e também da insensibilidade da própria sociedade" (*in Notícias*, 26.06.99).

Vimos também, que a institucionalização de uma idade de velhice/reforma através de critérios administrativos arbitrários, traz consigo consequências para o idoso. A sociedade constrói uma gama de imagens estereotipadas em torno da velhice. Essas imagens concorrem para o isolamento e a marginalização do idoso, o que lhe faz procurar na mendicidade a satisfação das suas carências, assim como a sua integração social.

O estudo permitiu, por um lado, constatar que há menor abrangência e menor impacto das políticas sociais na comunidade. Por outro lado, permitiu igualmente constatar que nos próximos tempos, se não forem tomadas medidas eficazes, poderá haver um aumento do número de mendigos idosos na cidade da Beira como consequência das privatizações, falência das empresas e o processo de racionalização da mão-de-obra que tem vindo a ocorrer em várias empresas. Esta constatação é sustentada pela existência de um fraco sistema de segurança social e pela deterioração do papel do idoso na família e na comunidade.

A ocorrência da mobilidade social (ascendente e descendente) que se reflecte na mudança do estilo de vida, associado aos hábitos e costumes urbanos cria fricções com os hábitos e costumes trazidos do campo por muitos idosos.

No início do nosso trabalho levantamos duas hipóteses. A hipótese a) *quanto maior for o enfraquecimento do papel do idoso na família e no meio urbano em que este vive menor é a probabilidade deste encontrar uma efectiva integração social na família* e b) *quanto menor for a estabilidade sócio-económica da família maior é a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade*. Estas duas hipóteses visavam responder a questão formulada na problematização em que se pretendia saber se *a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade tem a ver com a sua exclusão na família ou é apenas uma estratégia de sobrevivência do idoso e da família a que pertence?*

Como mostra a tabela 1 (Quadro Resumo de Respostas das Entrevistas a Idosos na Cidade da Beira), o trabalho de campo contribuiu para a validação das hipóteses de trabalho e ajudar a responder a questão de partida em torno da qual fomos desenvolvendo a pesquisa. Em relação a questão de partida, a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade não apenas tem a ver com a sua exclusão na família mas também com a estratégia de sobrevivência do idoso e da família a que pertence.

A validação da hipótese b) *quanto menor for a estabilidade sócio-económica da família maior é a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade*, decorre do facto de 55% dos idosos entrevistados terem declarado que a falta de meios materiais e financeiros para responder as necessidades básicas de sua sobrevivência e da sua família é que lhes leva a recorrer à prática da mendicidade. Esta falta de meios materiais e financeiro deriva dos factores económicos associados aos factores políticos como a guerra de desestabilização.

Outro grupo de idosos mendigos, correspondente a 45%, encontra como razões para a justificação do acto, a rejeição da família e a perda do seu papel social devido a nova realidade sócio-cultural que o meio urbano oferece. Aqui se enquadra a validação da

hipótese a) *quanto maior for o enfraquecimento do papel do idoso na família e no meio urbano em que este vive menor é a probabilidade deste encontrar uma efectiva integração social na família.*

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

1. Conclusão

Do estudo efectuado chegamos as seguintes conclusões:

Para muitos idosos, pedir esmola não só é consequência da exclusão na família mas também uma estratégia de sobrevivência para si e para a família a que pertencem. Esta estratégia é, em muitos casos, condicionada pela falta de condições básicas mínimas indispensáveis para a subsistência e existência humana. A falta ou carência destas condições reflecte o seu estado de pobreza.

O contacto com o objecto de estudo e com a realidade leva a inferir que os factores culturais, sociais, económicos e políticos concorrem para a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade. O estudo concluiu que a acusação de feitiçaria, o abandono pelos filhos e, o baixo rendimento familiar manifestado pela fraca estabilidade sócio-económica, são os factores mais salientes na prática da mendicidade da pessoa idosa.

Diante dos factores mencionados acima, associados aos estereótipos que a sociedade cria em torno da velhice e da pessoa idosa, urge a necessidade de encontrar uma integração social dos idosos em estado de abandono e/ou entregues a mendicidade.

A integração social desses idosos passa pela reconquista do seu papel na família e na comunidade; pela criação de uma política do idoso que se ajuste a realidade social e, de um sistema de segurança social que possa cobrir vários grupos alvo. Essa política social, assim como o sistema de segurança social devem tomar em consideração aquilo que chamamos de envelhecimento precoce. Isto significa abrir uma excepção para um grupo populacional que por questões de pobreza, má nutrição, falta de assistência médica e medicamentosa; acaba aparentando ser velho mesmo antes de atingir os 55 ou 60 anos de idade para que seja considerado idoso, conforme o caso, sendo homem ou mulher.

2. Recomendações

Tendo como base o resultado da nossa pesquisa, produzimos algumas recomendações que apresentamos de seguida:

- Dada a situação de abandono a que alguns idosos são alvo e a rejeição pela família seria importante rever a política da não institucionalização (esta política defende a não concentração de idosos em Centros, considerando que o apoio ao idoso deve, prioritariamente, ser feito na família e na comunidade);
- Promoção de campanhas de educação pública reflectindo sobre os direitos da terceira idade, com vista a mudança de mentalidade sobre a concepção que se tem do idoso (visão de um idoso feiticeiro, causador de todos os males e infortúnios da família);
- Criação de Centros dia onde os idosos possam desempenhar algumas actividades de acordo com as suas capacidades físicas e mentais. Ao mesmo tempo para facilitar a canalização das contribuições em dinheiro e/ou espécie provenientes da sociedade civil.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

ARPAC (Beira)

Arquivo Histórico de Moçambique

Centro de Estudos Africanos

Conselho Municipal da Cidade da Beira

Direcção Provincial da Mulher e Coordenação da Acção Social de Sofala

HelpAge International

INAS (delegação da Beira)

INE

Bibliografia

— ABRAHAMSSON, Hans e NILSSON, Anders (1994). Moçambique em Trânsição – um estudo da história de desenvolvimento durante o período 1974 – 1992. 1ª edição, Maputo.

ARTUR *ET AL.* (1989). Pequena história da cidade da Beira. Beira, CETIBEL.

— AMARAL, Wanda do (1999). Guia para apresentação de teses, dissertações, trabalhos de graduação, 2ª edição, Maputo, Livraria Universitária- Universidade Eduardo Mondlane.

— CASTE-BRANCO, Carlos N. (1994). Moçambique: perspectivas económicas. UEM / Fundação Frederich Ebert, Maputo.

— COULON, Alain (1995) Etnometodologia, Petrópolis, Vozes.

— DA SILVA, T. Relatório: I Seminário Regional sobre Terceira Idade, Junho 1998.

DE LEMOS, Manuel J. C. (1989). "Aruângua, Chiveve, ou Bângoè? Breves considerações sobre a toponímia da cidade da Beira", in *Boletim de Arquivo Histórico de Moçambique*. Cidade da Beira nº6 especial, p. 5-20.

↳ Dicionário de Economia e Ciências Sociais (2001). Porto editora, p. 213.

✦ DIONÍSIO, Bruno Miguel (2001). "Os Velhos ao Espelho e o Reflexo dos Outros: imagens, percepções e atitudes em torno da velhice", in *Forum Sociológico*. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Universidade Nova de Lisboa. Número 5/6 (IIª série), p. 241-255.

↳ DURKHEIM, Émile (1966). *As Regras do Método Sociológico*. 4ª edição, Vol. 15. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

✦ FERNANDES, Ana Alexandre (1997). *Velhice e Sociedade- Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*, Oeiras, Celta editora apud DIONÍSIO, Bruno Miguel (2001). "Os Velhos ao Espelho e o Reflexo dos Outros: imagens, percepções e atitudes em torno da velhice", in *Forum Sociológico*. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Universidade Nova de Lisboa. Número 5/6 (IIª série), p. 241-255.

— FERREIRA ET AL. (1995). *Sociologia, Portugal*, Mc Graw- Hill.

✦ FUNDI, António; NIVALE, Cassimo e NHATSUMBO, Jacinto. "*Como Desenvolver o Trabalho Social com os Idosos na Comunidade*". Trabalho de graduação de técnicos médio de Acção Social. ICS, Maputo, 1993.

— GIDDENS, Anthony (2000). *Sociologia*, 2ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

GOFFMAN, Erving (1988). *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, 4ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara.

➤ GOFFMAN, Erving (1989). *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*, 4ª edição, Petrópolis, Vozes.

➤ HelpAge International (2000). *Ageing Issues in Africa: a summary*.

HelpAge International. *Acción Sobre Envejecimento, Revisión Annual 2000/2001*.

HelpAge International (2002). *State of the world's older people*, London, UK.

INE (1999). *II Recenseamento Geral da População e Habitação, Indicadores Sócio-Demográficos*, Moçambique.

➤ IBRAIMO, M. A. (1994). *Crescimento da População Urbana e Problemas da Urbanização da Cidade de Maputo*, UPP- CNP apud GDM (1995). *Relatório Nacional de Moçambique sobre o Desenvolvimento Social*. Maputo.

Lei 8/98 de 20 de Junho, BR I série. 2º Suplemento nº 28, Imprensa Nacional, Maputo.

Marginalização do Velho: Conferência Procura Definição. Domingo, 31 de Mar. 2002.

➤ MENESES, Isáú Joaquim & LOURENÇO, Augusto João (2000). *Relatório Final Sobre a Mendicidade em Moçambique*. Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social & Instituto Nacional de Segurança Social.

Ministério de Plano e Finanças. *Perfil Provincial de Pobreza e Desenvolvimento Humano de Sofala*, Departamento de Programação Macro-económica, Junho de 2000, Maputo.

➤ Ministério do Plano e Finanças (2001). *Plano de Acção Para a Redução da Pobreza Absoluta (PARPA), 2001- 2005*, Maputo.

MONTEIRO, Gilson (1998). Guia para elaboração de projectos, trabalhos de conclusão de curso (TCCs), dissertação e teses, São Paulo, Edicon.

MUCHANGOS, Aniceto dos (1989). "Aspectos geográficos da cidade da Beira", in *Boletim de Arquivo Histórico de Moçambique*. Cidade da Beira nº6 especial, p, 239-296.

Município de Maputo - Conselho Municipal (2001). Informação Sobre a Mendicidade no Município de Maputo.

Organização Juvenil aposta no Apoio ao Idoso. Notícias, 26 de Jun.1999.

Problemas de Velhice. Domingo, 4 de Oct.1998.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van (1998). Manual de Investigação em Ciências Sociais, 2ª edição, Lisboa, Gradiva.

ROESCH, Otto (1992). "Reforma Económica em Moçambique: notas sobre a estabilidade, guerra e a formação das classes" In *Arquivo*. Maputo, p.11-35.

ROSA, Maria João Valente (1992). O Envelhecimento Demográfico da População do Continente Português e a Protecção Social dos Idosos. Lisboa, texto policopiado, FCSH/Universidade Nova de Lisboa apud DIONÍSIO, Bruno Miguel (2001). "Os Velhos ao Espelho e o Reflexo dos Outros: imagens, percepções e atitudes em torno da velhice", in *Forum Sociológico*. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Universidade Nova de Lisboa. Número 5/6 (IIª série), p. 241-255.

SIQUEIRA ET AL. (2001). "Os Pobres Urbanos: A cidade entre a ordem e o conflito", in *Forum Sociológico*. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Universidade Nova de Lisboa. Número 5/6 (IIª série), p. 279-298.

Velhice Uma Fase da Vida que Necessita de Atenção Especial; defende ministra para
Coordenação da Acção Social, Açucena Duarte. Diário de Moçambique, 24 de Nov.1998.

GUIAO DE ENTREVISTA

a) Dirigido aos funcionários

1. Qual é o número de idosos atendidos a nível da cidade da Beira?
2. Quais são as razões que levam os idosos a situação de vulnerabilidade?
3. Dos Programas desenvolvidos pelo INAS, que avaliação se pode fazer em relação ao seu impacto nas comunidades?
4. Que comentários tem a fazer em relação as condições oferecidas pelo Centro de Apoio a Velhice de Nhangau?
5. Qual é a maior proveniência dos idosos acomodados no Centro?
6. Será que os idosos acomodados no Centro não têm andado pela cidade pedindo esmola? Caso sim, quais as razões?
7. Que acções estão sendo desenvolvidas em relação aos idosos que deambulam pela cidade, com vista a sua integração social?
8. Que relações ou acções conjuntas que a DPMCS desenvolve com as outras instituições sociais que trabalham com os idosos?
9. Que avaliação se pode fazer em relação a evolução do número de idosos a nível da cidade da Beira no período 1995-2000?
10. Quais são as dificuldades enfrentadas pela instituição no atendimento aos idosos?

b) Dirigido aos idosos

1. Onde é que vive?
2. Com quem vive?
3. Com quem vivia antes de vir ao centro?
4. Como é que chegou ao centro?
5. Porquê é que anda a pedir esmola?
6. Trabalhava em alguma empresa, instituição, serviço, antes de virar mendigo?
7. Como é que as pessoas lhe tem tratado quando anda a pedir esmola na rua?
8. O que tem feito na comunidade em que vive?

ANEXOS

Nhampos

Joaquim Muchanessa Dausse Nhampos

O IDOSO E A MENDICIDADE: SUA INTEGRAÇÃO SOCIAL

O CASO DA CIDADE DA BEIRA 1995-2000

Trabalho de dissertação apresentado a Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais (UFICS) da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial às exigências para a obtenção do grau de licenciatura em Sociologia

Supervisor: Prof. Doutor Wilson Gomes de Almeida

Co-supervisor: Dr. Isau Meneses

Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Maio de 2003

DECLARAÇÃO

Declaro em minha honra, que este trabalho, em nenhum momento foi apresentado como dissertação para obtenção de um grau acadêmico. Ele é resultado do meu esforço e empenho, aliás, como mostram as fontes e bibliografias aqui citadas.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Amade Dausse Nhampoca e Muthua Jossias Matambo, que desde cedo, debaixo de todos sacrificios, souberam dar valor aos meus estudos. Esta dedicatória, também é extensiva a toda a minha família, pelo apoio moral e material dado durante todos esses anos. Por último, e em muito especial, quero dedicar este trabalho a minha sobrinha, Arsénia Pechiço, fazendo votos de que siga os passos do tio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu supervisor, o **Prof. Doutor Wilson Gomes de Almeida**, ao qual reservo profundas recordações do seu carácter social e académico; ao meu co-supervisor, o **Dr. Isaú Menezes**, pela sua imensurável atenção ao trabalho, ao qual quero expressar a minha admiração.

Quero, também agradecer ao **Dr. Elísio Macamo** e a **Dra. Vitória Langa** pelas observações feitas ao trabalho e ao **Dr. Samuel Quive**, pelo encorajamento na continuidade do tema.

O meu agradecimento é extensivo a algumas instituições, nomeadamente o Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social, pelo apoio material; a Associação Luta Contra a Pobreza, na pessoa da **Sra. Rabia Valgy**, pelo apoio financeiro; a HelpAge International, na pessoa da **Sra. Rosália Mutisse**, pelo apoio material; a Direcção Provincial da Mulher e Coordenação da Acção Social de Sofala, na pessoa do **Dr. José Diquissone Tole**; ao INAS (delegação da Beira), na pessoa do **Sr. José Lindo Passagem** e ao Centro de Apoio a Velhice de Nhangau, pelas informações facultadas.

Por último quero agradecer a todos aqueles que não foram, aqui, nominalmente mencionados mas que directa ou indirectamente deram o seu contributo para que este trabalho fosse concretizado.

LISTA DE ABREVIATURAS

ARPAC	Arquivo do Património Cultural
CAV	Centro de Apoio a Velhice
DPMCAS	Direcção Provincial da Mulher e Coordenação da Acção Social de Sofala
FMI	Fundo Monetário Internacional
GDM	Governo de Moçambique
IAF	Inquérito aos Agregados Familiares
ICS	Instituto de Ciências de Saúde
INAS	Instituto Nacional de Acção Social
INE	Instituto Nacional de Estatística
MMCAS	Ministério da Mulher e Coordenação da Acção Social
MPF	Ministério do Plano e Finanças
PARPA	Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta
PRE	Programa de Reabilitação Económica
PRES	Programa de Reabilitação Económica e Social
TPB	Transportes Público da Beira

LISTA DE ANEXOS

Guião de entrevista